

INTERDISCIPLINARIDADE:

Uma questão que atravessa o saber, o poder e o mundo vivido.*

INTERDISCIPLINARITY:

An issue that crosses knowledge, power and experienced world.

Dr^a. Maria C. S. MINAYO

Prof. Adjunta da Escola Nacional de Saúde Pública

Departamento de Ciências Sociais

Fundação Oswaldo Cruz

Rua Leopoldo Bulhões, 1.480 sala 907

21.041 - Manguinhos - RJ.

* Palestra proferida no 1º Seminário de Estudos do Programa de Apoio à Reforma Sanitária (PARES). Rio de Janeiro, 08/05/90.

RESUMO

Este artigo trata da aplicação do conceito de Interdisciplinaridade ao campo da Saúde Pública.

A marca fundamental da área é a sua intrínseca complexidade de que desafia qualquer abordagem unidisciplinar, ainda quando, tanto a Medicina como a Saúde Pública estejam dominados pelo modelo bio-médico.

O conceito de Interdisciplinaridade é aqui tratado, criticamente, dentro da Teoria do Agir Comunicativo, de Habermas, que combina a cooperação entre os diferentes ramos do saber (a filosofia, as ciências) a ética social e o senso comum. Desta forma a problemática da Interdisciplinaridade se apresenta como um tema instigante para a ciência e para a vida enquanto forma de conhecimento, enquanto questionamento do poder e também como interesse de cidadania.

SUMMARY

The present article deals with the use of the concept of Interdisciplinarity in Public Health.

The area's basic characteristic is its intrinsic complexity that challenges any unidisciplinary approach, even when both Medicine and Public Health are dominated by the biomedical model.

The concept of Interdisciplinarity is treated herein critically, according to Habermas' Theory of Communicative Action, which combines the cooperation among the different branches of knowledge (philosophy, sciences), ethics, and common sense. The problem of Interdisciplinarity is therefore a prompting theme for science and for life as form of knowledge, as power questioning, and also as citizenship interest.

Introdução

Este trabalho visa colocar alguns pontos para pensar a INTERDISCIPLINARIDADE no campo da Saúde Pública. Nós profissionais da área, que temos como objeto concreto de trabalho, a saúde e a doença no seu âmbito social, deparamo-nos com uma questão epistemológica crucial. Nenhuma disciplina por si só dá conta do objeto a que perseguimos, porque ele envolve ao mesmo tempo e concomitantemente, as relações sociais e o social propriamente dito, as expressões emocionais e afetivas assim como o biológico que, em última instância, traduz, através da saúde e da doença, as condições e razões sócio-históricas e culturais dos indivíduos e grupos.

Como o biológico expressa o social? Como o social se realiza no biológico? Como as peculiaridades individuais mediatizam o caráter da reação humana aos estímulos externos? Essas são algumas das perguntas-chaves da nossa área.

Em seu trabalho antropológico, revelador dos interrogantes que afligem o campo da investigação afeto às questões humanas, Marcel Mauss insiste na necessidade de encontrar um paradigma capaz de articular exatamente os três níveis com os quais trabalhamos, sob o enfoque a que denomina "fato social total". Usando o conceito de "complementariedade dinâmica" esse autor afirma que não há contradição entre o social propriamente dito, o psicológico e o biológico e sim uma relação peculiar que necessita ser apreendida em toda a sua dimensão. "Não podemos estar seguros de haver atingido o sentido e a função de uma instituição, diz Mauss, se não pudermos reviver sua incidência sobre uma consciência individual" (Mauss, 1974).

A complexidade básica das questões da Saúde Pública está colocada.

No entanto, essa complexidade se torna muito maior

quanto mais especificamos os objetos temáticos com os quais trabalhamos. Esse fato traz à tona, de imediato, a necessidade de uma abordagem interdisciplinar que seja capaz ao mesmo tempo de preservar a autonomia e a profundidade da pesquisa de cada área envolvida e de articular os fragmentos do conhecimento, ultrapassando e ampliando a compreensão pluridimensional dos objetos.

Consciente da questão, a ABEM (Associação Brasileira de Educação Médica) patrocinada pela OPAS produziu um documento Ciências Sociais e Biológicas no Curso Médico: enfoque interdisciplinar. (1989). Nesse trabalho a crítica interna do modelo bio-médico e da saúde pública (que dificilmente foge a ele) está colocada nos seus aspectos mais problemáticos e numa chamada para se retomar a reflexão nos níveis epistemológicos, técnico-programáticos e político-organizacionais da formação médica.

O texto da ABEM refaz a incorporação histórica das ciências sociais à área da saúde, mostrando como esse processo se dá numa relação de poder entre campos do conhecimento desembocando num estado da arte e da práxis bastante peculiar. Ao mesmo tempo em que predominam os modelos bio-médicos como determinantes na definição das políticas, das práticas e dos currículos de formação dos profissionais de saúde, existe uma insatisfação com os resultados que se apresentam, abrindo portanto, um caminho de possibilidades e de revisão.

A interdisciplinaridade na área da Saúde Pública, mais do que uma imposição externa coloca-se como exigência interna tendo determinadas condições epistemológicas como diretrizes básicas. Ou seja, é necessário realizar a crítica à dominação do modelo bio-médico tradicional mas de forma interior à questão da saúde. E não apenas através da justaposição pura

e simples de um modelo sociológico de análise da realidade. Essa justaposição não propicia por si só a transitividade dos conceitos e da linguagem, criando muitas vezes mais dificuldades que possibilidades explicativas. A interdisciplinaridade na compreensão da saúde só pode ser construída dentro de uma visão sócio-filosófica capaz não só de fazer a crítica à fragmentação e ao funcionalismo da concepção tradicional, mas de realizar uma proposta epistemológica articuladora de "uma axiomática comum a um conjunto de disciplinas." (Guy Michaud: 1972, 14).

Procurarei fundamentar essa idéia a partir da reflexão de alguns filósofos que hoje são reconhecidos dentro dessa temática, porque se a interdisciplinaridade envolve problemas das mais diferentes ordens, antes de mais, é ao nível da filosofia que se inicia o debate.

Usarei aqui o pensamento de quatro autores principais: Gusdorf (1974); Japiassu (1981); Castoriadis (1987) e Habermas (1987). Todos eles partem de uma crítica veemente à fragmentação do conhecimento; à institucionalização e aprisionamento do saber nas universidades e à crescente valorização "per si" do saber técnico. Essas avaliações se fundamentam no próprio fato da ciência, enquanto instituição no sentido pleno do termo, ser marcada pelos materiais, pelas formas de organização e divisão do trabalho e pela ideologia que articula as relações sociais das sociedades modernas.

Os referidos autores denunciam o "obscurantismo" (Gusdorf); "o estreitamento do conceito de racionalidade" (Habermas); "a anarquia intelectual canceriforme" (Japiassu); "a fabricação do atraso mental e da servidão" (Castoriadis) como alguns dos problemas atuais da ciência baseada no conhecimento unidisciplinar. Por outro lado, constatam de que não basta reunir vários especialistas de diversas disciplinas como se está fazendo frequentemente, desde a década de 70 até hoje,

porque isso não garante um avanço no conhecimento interdisciplinar. Mesmo porque seria ingênuo pensar que os problemas do conhecimento poderiam ser resolvidos independentemente de profundas transformações da organização social e da orientação histórica (Castoriadis: 1987, 232). Pois é o materialismo mecanicista que instaura o divórcio entre o conhecimento da natureza e do mundo social. (Japiassu: 1981, 88). Portanto é necessário desenterrar as dimensões da racionalidade a partir de uma visão mais ampla, macroscópica e descentralizada, conclui Habermas (1987, 527). É necessário construir uma "epistemologia da convergência" entre as disciplinas, propõe Gusdorf, a fim de se avivar o desejo humanista, o único capaz de unir novamente o saber fragmentado que "desnaturaliza a natureza" e "desumaniza a humanidade". (1974).

Esclarecendo o conceito

A problemática interdisciplinar tem sido mais fortemente colocada a partir da década de 60, como necessidade de transcender e atravessar o conhecimento fragmentado. Vários termos passaram então a ser empregados para significar esse objetivo como "multidisciplinaridade", "pluridisciplinaridade", "interdisciplinaridade" e "transdisciplinaridade".

Os dois primeiros vocábulos têm sido empregados para designar uma prática corrente que se instalou nos meios científicos e consiste na reunião de vários especialistas que focalizam determinado tema comum sob seu ângulo particular. Creio que isso tem se dado frequentemente nos cursos da área de saúde e particularmente em congressos e simpósios, onde cada "expert" passa sua visão própria sobre o assunto. Dá-se aqui uma justaposição de visões e não uma integração real entre as disciplinas.

A Interdisciplinaridade (ainda que como proposta) procura estabelecer conexões e correspondência entre as disciplinas científicas. Ela se coloca hoje como uma alternativa na busca de equilíbrio entre a análise fragmentada e a síntese simplificadora, "entre a especialização e o saber geral, entre o saber especializado do cientista e o saber do filósofo." (Siebeneichler: 1989, 156).

Pensada do ponto de vista epistemológico, a interdisciplinaridade vai desde a pura comunicação de idéias até à integração de conceitos diretores, de metodologias, de procedimentos e de dados, até a organização da pesquisa. (Guy Michaud: 1986, 12).

Um dos maiores pensadores do tema, Gusdorf demonstra em seus estudos, que a preocupação com a integração do conhecimento vem desde os sofistas e romanos até a atualidade, tornando-se particularmente evidente nalguns momentos históricos. Por exemplo, esta foi uma questão central para os Enciclopedistas Franceses no século XVIII, consubstanciada na reflexão sobre a passagem do múltiplo ao UNO.

Hoje Gusdorf retoma a problemática, mostrando a necessidade de buscar uma racionalidade mais ampla do que a da ciência matemática e que, ao mesmo tempo preserve o rigor e a exatidão desse ramo do saber e inclua a compreensão das significações do mundo vivido. Gusdorf apela para a urgência da saída do obscurantismo crescente provocado pela fragmentação que esquece o ser humano como ponto de partida e ponto de chegada do conhecimento. Esse obscurantismo do mundo moderno, segundo Gusdorf, tem contribuído para a perda do equilíbrio indispensável à manutenção da vida, com riscos de envenenamento e perversão do meio ambiente e até da destruição do planeta. Por isso, segundo o autor, é necessário submeter a inteligên-

cia técnica a uma ciência humana, que tenha o humano como objeto explícito, e uma ciência da natureza capaz de mostrar como o homem aí se situa.

Na verdade, Gusdorf preconiza a existência de um saber geral e superior, uma "ciência humana" reagrupadora e rearticuladora das diferentes ciências em torno do "humano". O autor considera que a construção da interdisciplinaridade é acima de tudo uma tarefa filosófica cuja dimensão consistiria em conclamar o saber científico a uma conversão ética e a uma postura ativa em favor da integração do conhecimento, buscando os elementos gerais e comuns de cada disciplina e seus limites.

Criticando Gusdorf, Siebenichler chama atenção para o voluntarismo de seu pensamento, capaz de diagnosticar em profundidade os problemas de parcelização do saber, mas "idealista" nas suas alternativas para mudança. Gusdorf propõe a monopolização dos filósofos sobre o discurso interdisciplinar e "não consegue atingir o nível da mediação hermenêutica, o solo onde é possível preparar o retorno do geral para o particular e a valorização de cada uma das diferentes especialidades." (1989, 164).

Minha proposta (da mesma forma que a de Siebenichler) é pensar a interdisciplinaridade a partir de uma teoria geral de racionalidade humana. É nessa linha que se coloca a reflexão filosófica de Habermas, cujo pensamento abre perspectivas de abrangência e de mediação para um humanismo radical que responderia, em última instância, pelo sentido do labor no campo científico.

Na Teoria do Agir Comunicativo Habermas desenvolve, como uma das idéias centrais, o pensamento básico de que a sociedade moderna tende a estreitar o conceito de racionalidade às suas dimensões cognitivo-instrumentais, deixando de fora os

elementos ético-normativos e estéticos-subjetivos. Na necessidade de diagnosticar e reverter esse quadro, Habermas pensa a saída através da filosofia, como também queria Gudorf. Porém, segundo Habermas, trata-se de construir uma filosofia crítica que se apoie em dois eixos complementares: (a) atividade comunicativa e (b) razão comunicativa.

Nesse sentido a filosofia não reduziria seu papel a um posicionamento apenas crítico e negativo em relação à sociedade contemporânea, mas ampliaria sua atividade num labor cooperativo, fazendo a mediação entre a filosofia e as ciências, entre a cultura sofisticada dos especialistas em ciência e técnica e o mundo vital. Portanto, aqui se supõe, em primeiro lugar, a transformação da filosofia em crítica: em seguida, em processo de cooperação interdisciplinar. A filosofia declina de seu espaço de tribunal da razão, para ser mediadora entre os "experts" das ciências e o mundo da vida cotidiana.

A cooperação interdisciplinar manteria duas atitudes críticas fundamentais: de um lado, em relação à racionalidade técnica, instrumental e à ideologia tecnocrática; de outro, em relação à tentativa de colonização do mundo vital pela ciência e pelas tecnologias sofisticadas e à ideologia funcionalista que as justifica.

A mudança de paradigma proposta leva a vivenciar uma tensão paradoxal entre a cooperação interdisciplinar e a crítica de pretensão de validade das disciplinas; entre a filosofia da consciência, onde o sujeito se refere aos objetos para representá-los como são ou para intervir neles e torná-los como deveriam ser; e a filosofia do agir comunicativo, onde o sujeito cognoscente, no seu processo de desenvolvimento é obrigado a entender-se a entender-se com os outros, sobre o significado da ação. No primeiro caso, o sujeito é aquele que

se relaciona externamente com os objetos para conhecê-los, para agir e para dominá-los. No segundo caso, o sujeito está em interação com outros sujeitos, preocupados todos com o que pode significar conhecer objetos, pessoas e coisas.

A abordagem ^{inter}disciplinar tal como pensada por Habermas passa por três pressupostos:

- (a) Parte do princípio de que a ciência (seja qual for) não tem um começo ou um ponto de apoio totalmente certo e seguro que a conduziria a uma evidência última. Não possuindo uma fundamentação transcendental e infalível, o caminho de construção do conhecimento é o processo racional de entendimento desse saber com outros saberes e em sua relação com o mundo vivido, com a vida prática;
- (b) As ciências abstratas e a filosofia têm que entrar em entendimento com as ciências empíricas, buscando sempre criticar e avaliar os pressupostos gerais de determinado saber, e o discurso argumentativo relacionando as descobertas obtidas, a questão ética e a subjetividade. Haveria então uma busca de unidade da razão, expondo o trabalho científico ao controle direto de um "coro de muitas vozes" através da proposta interdisciplinar. Essa "exposição" requer, de um lado, o reconhecimento dos limites dos pesquisadores, das disciplinas e dos próprios campos do conhecimento; de outro, um diálogo crítico que, ao articular o trânsito das diferentes linguagens, aponte o rumo de um "humanismo radical" como fim de todo conhecimento.
- (c) Em terceiro lugar, a teoria da racionalidade in

terdisciplinar de Habermas está referida incondicionalmente às estruturas do mundo cotidiano onde se articulam os produtos da ciência e da técnica como cultura, a cultura no seu sentido mais amplo, a linguagem dos leigos e onde os problemas do mundo contemporâneo são experimentados por todos nós (inclusive pelos cientistas) com a própria força explosiva da vida.

O conceito de razão comunicativa, seguindo o raciocínio assinalado acima, é para Habermas, sinônimo do agir comunicativo, ou seja, tradução de uma postura ativa de interrelação e diálogo interdisciplinar. Mais ainda, (da mesma forma que na fenomenologia sociológica de Schutz e na hermenêutica de Gadamer), a ação e a praxis comunicativa comum e cotidiana são erigidas ao altar da dignidade epistemológica, como guardiãs e avaliadoras da praxis acadêmica. Por isso, na teoria do agir comunicativo, a racionalidade não pode ser obtida na meditação monológica e solitária de um cientista. Essa comunicação tem que ser construída sobre as bases de uma coerência de linguagem entre as teorias distintas que possam ser tratadas como fragmentos teóricos de uma abordagem mais ampla.

No processo de construção interdisciplinar há então um duplo movimento. Em primeiro lugar, o diálogo da aproximação e da possibilidade que leva a uma busca de aprofundamento das disciplinas no que tange aos conceitos mais fundamentais; em segundo lugar, uma busca de síntese que se apropria de "fragmentos convergentes" conseguidos sobretudo na transitividade e complementariedade dos conceitos. Desta forma há uma busca de encontros através de questões comuns e a construção de um saber que se supera e se amplia em relação à disciplina original.

Um dos temas que sobressai desta reflexão é a ques-

tão da validade. Ela tem que ser colocada aqui, dentro de outros parâmetros. Em primeiro lugar, o "princípio da hierarquia" entre as ciências substitui-se pelo "princípio da cooperação" possibilitando a transitividade interna entre "fragmentos de ciência", conceitos e linguagens. Em segundo lugar, a "validade interna" não responde sozinha pelo valor do conhecimento como tem sido colocado tradicionalmente pelo positivismo.

Mas a validação científica passa a abranger pelo menos três aspectos:

- (a) a validade proposicional, isto é, aquela que verifica a relevância do objeto e da proposta, tanto para o campo da ciência ao qual diz respeito, como ao nível da relação com as necessidades reais do mundo vivido;
- (b) a validade normativa que abrange os aspectos de métodos e técnicas no desenvolvimento do objeto e/ou da proposição;
- (c) a validade subjetiva, ou seja, aquela que confere significado às descobertas científicas do ponto de vista ético e benéfico à sociedade, através da argumentação no "diálogo de muitas vozes".

Conclusões

Mais do que conclusões, gostaria de, neste final chamar atenção, para as dificuldades de construir uma proposta interdisciplinar, e ao mesmo tempo, colocá-la como o desafio possível e desejável na área da saúde.

Como diz Japiassu, é fundamental quebrar a santa aliança entre a ciência, técnica e indústria e em consequência, acabar com dois mitos: o primeiro é o da ciência pura e

imaculada conduzindo necessariamente ao progresso. Na área da saúde o mito do desenvolvimento que alimenta a indústria e a tecnologia médicas é um dos grandes responsáveis pelo descalabro do ponto de vista humanista do sistema de saúde. Sua razão técnica está totalmente desarticulada das muitas razões sócio-históricas e culturais abafadas pelo saber bio-médico fragmentário. O segundo, é de que há verdade sem deontologia e ciência sem poder. Na área da saúde, o grande mérito das análises histórico-estruturais da segunda metade da década de 70 em diante foi tentar desmitificar a "ingenuidade" do sistema médico e valorizar os movimentos civis pela ética médica. Contudo é muito pouco o que se tem conseguido, porque em última instância, até dentro dos movimentos progressistas do setor, a ciência é vista hierarquicamente e a hegemonia é dada ao modelo bio-médico.

Mas, como foi dito no início, a questão do esfacelamento do saber, não é apenas uma questão interna ao campo científico. De um lado, o próprio contexto histórico da sociedade fragmentária e pragmática produz, pela "força da gravidade" uma quantidade enorme de disciplinas que se esfacelam e se sustentam na razão técnica. De outro, há realmente sérios obstáculos epistemológicos que não podem ser subestimados na tentativa de circulação comunicativa dos saberes "técnicos" das disciplinas. Na área da saúde, observa-se a existência dessas duas facetas inibidoras. A primeira impressão, como em qualquer área, é de que quanto mais tomamos uma fatia da realidade, melhor temos condição de dominá-la. E há nisso uma parcela de verdade. Porém, o equívoco se instaura quando a verdade descoberta da parcela aparece como o todo, substitui o todo e se basta. E há também outro obstáculo. A própria construção interdisciplinar tende a se isolar e a constituir-se como campo autônomo, fugindo àquela dialética que já preo-

cupava os Enciclopedistas Franceses, entre o UNO e o MÚLTIPLO.

Um último obstáculo para o qual é importante chamar atenção são os de ordem psicossociais de dominação dos saberes institucionalizados e instituídos, onde os processos de competição, de posição defensiva e de segurança econômica jogam papel fundamental. O sistema de saúde enquanto campo de conhecimento e de prática também padece dessas limitações. As divisões arbitrárias em departamentos, a hierarquização de disciplinas, a concentração do poder nas cátedras e nas pessoas, a inquestionabilidade de posições acadêmicas, etc. também aqui prejudicam de forma muito particular outras formas de conhecimento. A própria estrutura organizacional e espacial contribui para a manutenção das "penitenciárias centrais da cultura, onde prevalece o espírito de concorrência e de propriedade epistemológica." (Japiassu: 1981, 88)

Do meu ponto de vista há porém um ilimitado campo de possibilidades a serem exploradas na área da saúde.

Partindo da criação de um paradigma mais abrangente que supere a dominação do modelo bio-médico e as concepções reducionistas das ciências sociais, o âmbito científico da saúde tem a seu favor sua ligação direta e estratégica com o mundo vivido, o mundo do sofrimento, da dor e da morte com o qual é chamado a se confrontar diariamente. Esse apelo cotidiano do serviço e da política social traz a área da saúde para a arena inquestionável da vida. E é no diálogo com esse "radicalmente humano" que está seu escudo para o salto qualitativo interdisciplinar. Aí a luta tem que ser travada na eleição das disciplinas, na escolha, no aprofundamento e na transitividade dos conceitos, da linguagem e da adequação entre métodos e técnicas e na busca de uma retórica capaz de traduzir para os leigos a linguagem dos técnicos que diz respeito aos assuntos importantíssimos referentes à vida, à saúde, à doença e à morte - assun

tos que interessam a todos nós -.

Em resumo, a problemática da Intordisciplinaridade é um tema acadêmico que transborda das salas de aula e dos laboratórios de pesquisas para os gabinetes do poder. Tomá-lo como objeto de preocupações porém, é assumir uma postura que se afronta e enfrenta as formas de saber estabelecidos, abre as portas e as janelas para uma nova racionalidade mais humana e mais totalizante.

Bibliografia

- . CASTORIADIS, G. As Eneuzilladas do Labirinto. RJ. Ed. Paz e Terra. 1987.
- . GUSDORF, G. "Connaissance Interdisciplinaire". Encyclopædia Universalis. (1086-1090)
- . GUSDORF, G. Introduction aux Sciences Humaines. (2ª. ed.) Paris. Édition Ophrys. 1974.
- . HABERMAS, J. Teoria de la Acción Comunicativa. Tomo II. Madrid. Taurus Ediciones. 1987.
- . JAPIASSU, H. Questões Epistemológicas. RJ. Ed. Imago. 1981.
- . JAPIASSU, H. Interdisciplinaridade e Patologia do Saber. Ed. Imago. 1976.
- . MAUSS, M. Sociologia e Antropologia. Vol. I e II. SP. EPU/EDUSP. 1974.
- . MICHAUD, G. Interdisciplinarité. Ed. Minuit. Paris. 1972.
- . SIEBENEICHLER, F. "Encontros e Desencontros no Caminho da Interdisciplinaridade". Revista Tempo Brasileiro (98) 153 / 180 (jul. - set.) 1989.
- . WEILL, P. Nova Linguagem Holística. RJ. Ed. Espaço e Tempo. 1987. (2ª ed.)